



**REPORTAGEM ESPECIAL** | PÁGINAS 5, 6, 7, 8 E 9

## A segunda revolução do campo



EM PAUTA

# Transportes Gabardo une crescimento econômico à redução de emissões

**Empresa gaúcha é a primeira transportadora a receber certificação de Carbono Negativo**

**Marina Mugnol**

marinam@jcrs.com.br

Estruturada em um setor historicamente desafiado pelas questões ambientais, a Transportes Gabardo, empresa gaúcha com 37 anos de atuação no mercado de transportes de veículos, atingiu um feito histórico na logística global em 2025 ao tornar-se a primeira transportadora do mundo certificada como Carbono Negativo - que atesta que a companhia remove mais gases de efeito estufa da atmosfera do que emite em suas operações.

Fundada em 1989 por Sérgio Mario Gabardo, a empresa possui sede em Porto Alegre e alcançou a certificação com base em dados de 2024. Conce-

dida pela Global Certification System (GCS), a certificação teve seus números e créditos de compensação auditados pela consultoria Worton. O levantamento considera uma série de iniciativas sustentáveis, como a modernização da frota, o uso de energia renovável, a otimização de processos, a gestão eficiente de resíduos e a adoção de práticas agrícolas de baixo carbono, incluindo a expansão dos estoques de carbono florestal e do solo.

Embora o título tenha sido conquistado em 2025, a companhia já estrutura seus serviços com foco na sustentabilidade há anos. Desde 2017, realiza a contabilização de suas emissões de gases de efeito estufa, com monitoramento contínuo. "A gente sempre diz que ser carbono negativo não é apenas uma certificação ou um título para expormos aos nossos clientes; é um modelo de negócio", afirma Gabardo.

Em todas as áreas da empresa são adotadas medidas de sustentabilidade, como a gestão e reciclagem dos resíduos produzidos e a reutilização da água para a higienização da frota, por meio de um processo que possibilita que o recurso hídrico possa ser reaproveitado. A transportadora também produz energia limpa por meio do uso de painéis fotovoltaicos para aquecimento da água.

Esse conjunto de ações resultou em um valor de compensação de 81 mil toneladas de dióxido de carbono anuais, contra uma emissão de 57 mil toneladas levantadas e um crédito de 23 mil toneladas. Assim, além de neutralizar toda a emissão de poluentes produzidos por sua frota, que atua no Brasil e na América Latina, a transportadora devolve para a sociedade e para o meio ambiente um saldo positivo de quase 50%.

A transportadora também investe, desde 2020, no Siste-

ma de Gestão Ambiental (SGA), com a ISO 14001, voltada ao gerenciamento ambiental, que auxilia na redução de impactos e no cumprimento da legislação. Para além da preocupação sustentável, a certificação do Sistema de Gestão de Segurança Rodoviária (SGSTR) coloca em foco a segurança viária e visa diminuir mortes e lesões graves decorrentes de acidentes de trânsito.

Investimento na frota é outro pilar da Transportes Gabardo. Em setembro de 2025, a companhia anunciou a aquisição de 300 caminhões do modelo Volkswagen 19.380 Constellation. A entrega dos veículos será feita de forma gradual, com o fornecimento de 30 unidades mensais até metade deste ano. O objetivo da medida é manter o compromisso de utilizar as cegonheiras por somente três anos. Agora, em 2026, o objetivo da empresa é atingir R\$ 1 bilhão em faturamento.



**"Nossas decisões não são de graça, são um movimento estratégico e de posicionamento frente um mercado que está mudando dia após dia - e continuaremos à frente dessa mudança."**

**Sérgio Gabardo,**  
fundador da  
Transportes Gabardo

## Raio-X

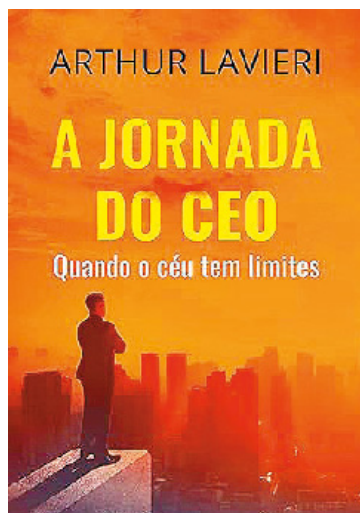
- **Empresa:** Transportes Gabardo
- **Ano de fundação:** 1989
- **Cidade de origem:** Porto Alegre
- **Área de atuação:** Transporte de veículos
- **Projeção de faturamento para 2026:** R\$ 1 bilhão
- **Diferenciais competitivos:** Operações dedicadas, frota própria especializada e tecnologia embarcada. Foco em emissão com menos poluição e mais rodagem, certificações internacionais. Programas de auxílio aos motoristas. Humanização e proximidade da direção da empresa com cada motorista.
- **Onde a empresa quer estar em cinco anos:** Em cinco anos, a empresa pretende se consolidar como referência em sustentabilidade, liderando práticas inovadoras que aliem desempenho, responsabilidade ambiental e impacto positivo na sociedade.
- **Principais desafios atuais do setor:** Os principais desafios atuais do setor são inovar constantemente e criar soluções que ofereçam mais facilidade e conveniência ao cliente, atendendo às suas expectativas de forma ágil e eficiente.



Além do RS, empresa tem unidades em Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Ceará, Pernambuco e Bahia



## FEED



**A jornada do CEO: quando o céu tem limites;** Arthur Lavieri; Editora Cinco Gatas; 220 páginas; Disponível em versão física.

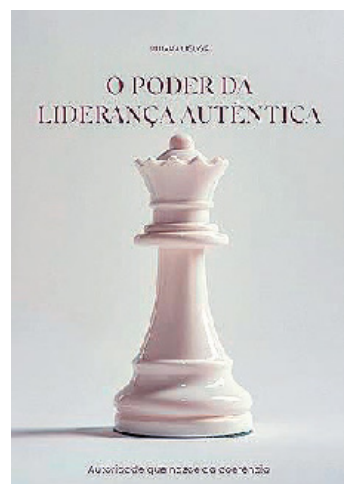
## Gestão e Liderança

No livro *A Jornada do CEO - Quando o Céu Tem Limites*, o autor Arthur Lavieri compartilha mais de 30 anos de experiência profissional, sendo 17 deles na posição de CEO, para revelar o que realmente acontece nos bastidores da liderança. O livro transpassa a visão romantizada do topo da carreira e apresenta os dilemas, as pressões e as decisões difíceis que caminham ao lado de quem “chega lá”.

Com relatos práticos e reflexões ponderadas, a obra aproxima a teoria ensinada nas salas de aula da realidade dinâmica e, muitas vezes, solitária da alta gestão. La-

vieri propõe uma visão ampla e completa da liderança, na qual o verdadeiro líder alterna os papéis de mestre e aprendiz ao longo de sua jornada. Liderar, nas palavras do autor, não é estar sempre a frente, mas compreender o momento de avançar, recuar, desenvolver talentos e expertises e preparar sucessores.

Mais do que resultados financeiros, o livro fala de responsabilidade, cultura, ética e legado. Uma leitura essencial para executivos, conselheiros e profissionais que desejam compreender a liderança em sua dimensão estratégica e humana.



**O poder da liderança autêntica: Autoridade que nasce da coerência;** Juliana Liguor; 65 páginas; Disponível na versão digital.

## Comportamento e Liderança

O *Poder da Liderança Autêntica* é uma obra que coloca as pessoas no âmago da liderança. A partir de uma história real marcada por trabalho precoce, coragem de aprender, comunicação consciente e decisões bem pensadas, Juliana apresenta uma visão de autoridade construída pela coerência entre discurso e prática.

Ao longo dos capítulos, a autora compartilha experiências que atravessam infância, formação, desafios profissionais e ambientes complexos, conectando vivências concretas a reflexões sobre posicionamento, mentoria, influência

e relações humanas. Sem fórmulas prontas ou idealizações, o livro propõe uma liderança possível, construída nas escolhas do dia a dia e na maneira como cada pessoa decide se comunicar e agir.

A verdadeira autoridade, defende, não nasce do cargo, mas da capacidade de gerar confiança, respeito e impacto positivo por onde passa. Trata-se de um convite à integridade e ao autoconhecimento, mostrando que o sucesso sustentável está na harmonia entre identidade, ação e legado. Um livro que transforma a forma de liderar.

## Economia e Sociedade

Para *Reencantar a Economia* é um ensaio que questiona a limitação da vida econômica a indicadores e métricas puramente quantitativas.

Em um cenário de polarização e enfraquecimento dos vínculos sociais, a obra propõe uma agenda de esperança ativa, defendendo que o desenvolvimento brasileiro passa pela valorização dos pequenos negócios, do território, das redes de confiança e principalmente das pessoas.

Dialogando com a sociologia, a filosofia social e a economia do desenvolvimento, o livro demonstra como dimensões frequentemente invisíveis, como capital social, reconhecimento, diversidade

territorial, sustentabilidade e governança ética, produzem impactos concretos sobre produtividade, inclusão e bem-estar.

Ao tratar de ESG sem reducionismos, accountability, economia solidária e inovação social, o autor apresenta caminhos aplicáveis para gestores públicos, líderes empresariais e agentes de desenvolvimento.

Mais do que uma crítica ao modelo vigente, o livro de Giovanni Beviláqua é um chamado à reconstrução econômica baseada no humano, no local e no coletivo, resgatando sentido, responsabilidade e propósito nas decisões que moldam o futuro.



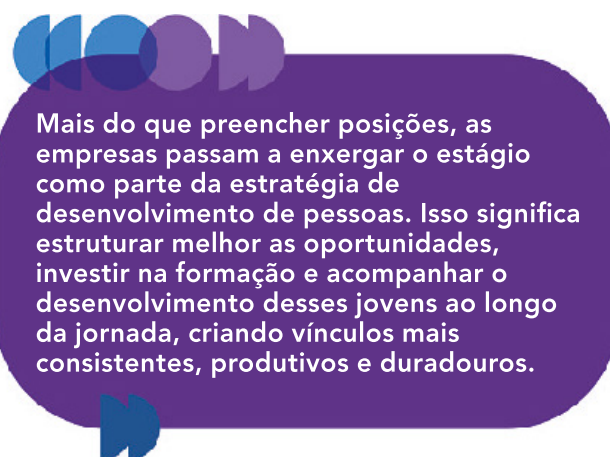
**Para Reencantar a Economia;** Giovanni Beviláqua; 59 páginas; Disponível em versão física.



## O estágio como ferramenta estratégica para formar talentos

O mercado de trabalho de 2026 escancara um paradoxo: nunca foi tão difícil contratar e, ao mesmo tempo, nunca houve tantos jovens em busca de oportunidade. No Brasil, 80% das empresas relatam dificuldade para encontrar profissionais, segundo a Pesquisa de Escassez de Talentos do ManpowerGroup: um dado que deixou de ser conjuntural para se tornar estrutural.

Mais do que falta de candidatos, o que existe é um desalinhamento entre expectativas, competências e posicionamento. Nesse cenário, empresas não competem mais apenas por mercado - competem por atenção, percepção e conexão com os talentos. Da mesma forma, jovens não disputam apenas vagas; disputam espaço em um ambiente cada vez mais exigente, dinâmico e orientado por resultados.



É nesse ponto que o estágio deixa de ser apenas uma porta de entrada e passa a assumir um papel estratégico dentro das organizações. “Cada vez mais, o estágio se consolida como uma ferramenta real de captação, descoberta e retenção de novos talentos. Quando a empresa tem disponibilidade para formar jovens alinhados à sua cultura, ela gera resultados que vão além da vaga preenchida”, destaca Marcos Pan, gerente de Estágios do CIEE-RS.

Do outro lado, candidatos precisam entender que a formação técnica é apenas parte do caminho. Atitude, capacidade de adaptação, comunicação e habilidades socioemocionais tornaram-se decisivas para conquistar e sustentar uma oportunidade real. O desafio está no encontro entre quem busca e quem oferece oportunidades - e ele começa pelo posicionamento, mas se sustenta, cada vez mais, pela capacidade de formar, desenvolver e conectar talentos de forma consistente.

[www.cieers.org.br](http://www.cieers.org.br)  
(51) 3363-1000



Acompanhe as nossas novidades





## VISÃO EMPRESARIAL

Victoria Werner De Nadal

Diretora de Relações Institucionais e Fórum da Liberdade do Instituto de Estudos Empresariais (IEE)

# O Brasil tem jeito

Posso parecer ingênua e excessivamente otimista ao afirmar que “o Brasil tem jeito” – tema do próximo Fórum da Liberdade, em 9 e 10 de abril. Em um sistema marcado por escândalos de corrupção, desvios institucionais e crises recorrentes, essa afirmação soa deslocada.

Os acontecimentos recentes alimentam um sentimento de descrença. Episódios como o caso do Banco Master somam-se a anos de insegurança institucional. O que desanima a população é a percepção de que parte relevante das estruturas de poder foi capturada por interesses que não dialogam com os anseios da sociedade.

Ainda assim, se as pessoas realmente não acreditassem que o país pode dar certo, não estariam hoje lendo este jornal, estudando ou se dedicando a construir uma carreira e uma família no Brasil. Em algum lugar, ainda que lá no fundo, permanece a esperança de que o país pode prosperar. Talvez porque, como diz o ditado popular, o brasileiro não desiste nunca.

Se isso é verdade, talvez um dos primeiros passos rumo a um Brasil que funcione seja rever uma expectativa recorrente entre nós: a ideia de que as soluções virão principalmente da esfera pública e de que basta apenas mudarmos os agentes que lá estão. Sociedades prósperas não são construídas por governos; no máximo, eles podem não atrapalhar. Elas se constroem a partir das escolhas e ações de seus indivíduos. Nesse aspecto, o Brasil carrega uma característica frequentemente mal utilizada. Somos um povo criativo e adaptável, qualidades que poderiam nos colocar entre as sociedades mais inovadoras do mundo. Muitas vezes, porém, essa capacidade se manifesta no “jei-

tinho”, a habilidade de contornar regras ou explorar brechas. Assim, aquilo que poderia impulsionar acaba servindo para acomodar distorções, sendo o poder público apenas um reflexo de nossa sociedade.

Se queremos que o Brasil “tenha jeito”, é preciso começar por nós mesmos. Redirecionar essa nossa criatividade, tantas vezes usada para contornar obstáculos, para enfrentá-los e superá-los de forma produtiva. Essa é uma tarefa árdua, que leva tempo, de mudança de cultura, mas é o único caminho viável para um dia conseguirmos sair da grande crise institucional em que nos encontramos.

Afinal, a última década mostrou que o país, composto por seus indivíduos, é capaz de crescer economicamente, mesmo em meio à instabilidade institucional.

Isso não significa ignorar os desafios estruturais do país. O Brasil precisa fortalecer o Estado de Direito, garantir segurança jurídica e consolidar instituições capazes de sustentar crescimento de longo prazo. Também

exige uma sociedade menos tolerante com o “jeitinho” e com a corrosão institucional que hoje alimenta o descrédito generalizado.

Todavia, talvez afirmar que o Brasil tem jeito não seja ingenuidade. E, sim, reconhecer que, apesar da gravidade da situação na qual nos encontramos, há no cidadão brasileiro a capacidade persistente de criar, adaptar-se e reconstruir, e somos nós que, infelizmente, aceitamos que ela fosse utilizada cada vez mais como um “jeitinho”. Espero que possamos, quem sabe um dia, utilizar essa capacidade mais para o bem, mas essa mudança precisa começar em cada um de nós.

## OPINIÃO

# Alimentos e o impacto financeiro nas empresas

Rafaela Rojas Barros

Advogada especialista em Direito de Família e Sucessões

Quanto custa um divórcio para uma empresa? A pergunta parece exagerada, mas não é. Quando se trata de pensão alimentícia entre ex-cônjuges, o debate costuma permanecer na esfera privada. Em estruturas empresariais, porém, a fixação de alimentos pode produzir reflexos financeiros relevantes e impactar decisões estratégicas do negócio.

No ordenamento brasileiro, a obrigação alimentar entre ex-cônjuges é excepcional, transitória e baseia-se no binômio necessidade-possibilidade. Não visa perpetuar padrão de vida do ex, mas assegurar subsistência quando comprovada dependência econômica. O problema começa quando se confunde faturamento empresarial com renda pessoal.

É comum que o sócio tenha alto volume de movimentação financeira sem que isso represente disponibilidade imediata, pois lucro contábil não se confunde com caixa livre. Distribuição de resultados depende de planejamento e parte do lucro precisa ser reinvestido para garantir capital de giro e estabilidade operacional. Isso gera questionamentos complexos num processo litigioso. A decisão

que fixa alimentos sem observar essa realidade gera desconfortos. Pode ser necessário pressionar o fluxo de caixa empresarial e comprometer reinvestimentos.

Não se trata de opor empresa à família, mas empresário e família precisam compreender que decisões judiciais produzem efeitos econômicos concretos.

Outro ponto sensível é a confusão patrimonial, quando pessoa física e jurídica se confundem, tornando imprecisa a análise da capacidade contributiva do alimentante.

A obrigação alimentar não transforma cotas sociais em objeto de partilha automática. Contudo, seus reflexos alcançam a estrutura financeira da empresa

se inexistirem governança adequada, transparência contábil e delimitação clara entre patrimônio pessoal e empresarial.

O Direito de Família não atua à margem da atividade econômica. Ele repercute na previsibilidade financeira, na gestão de riscos e na sustentabilidade do negócio.

Planejamento jurídico é instrumento de gestão e o impacto financeiro de um divórcio deve ser antecipado e estruturado.

Ignorar essa interseção entre Direito de Família e Empresa é um erro que pode custar caro. A preparação da empresa para eventual divórcio dos sócios certamente não elimina o conflito, mas reduz a vulnerabilidade da pessoa jurídica diante deles.

Outro ponto sensível é a confusão patrimonial, quando pessoa física e jurídica se confundem, tornando imprecisa a análise da capacidade contributiva do alimentante



# Como AI, nuvem e cybersecurity estão redefinindo a modernização empresarial

Marcos Gaspar

District Manager da NetApp Brasil

À medida que 2026 começa, uma constatação se impõe: AI, nuvem híbrida e cybersecurity deixaram de ser frentes isoladas. A convergência dessas três dimensões passou a definir o ritmo da modernização empresarial, impactando diretamente a forma como as organizações operam, escalam e competem.

A AI, em especial, cruza um ponto de não retorno. Ela deixa o ambiente experimental e passa a operar em produção em larga escala, desde que sustentada por dados unificados, governados e acessíveis. Essa base torna-se essencial para preparar, treinar e operar modelos de forma contínua, sobretudo com a chegada dos sistemas agênticos, capazes de aprendizado autônomo. Sem uma fundação de dados sólida, essa

nova geração de AI simplesmente não se sustenta.

Esse avanço ocorre em paralelo a uma mudança relevante nas estratégias de nuvem. O modelo de “all cloud” perde força e dá lugar a decisões mais pragmáticas sobre onde cada carga de trabalho faz mais sentido, considerando desempenho, custo, soberania e latência. Esse debate se intensifica diante da pressão global sobre armazenamento e memória. A demanda por IA generativa, baseada em clusters de GPU intensivos em RAM, tem provocado escassez de componentes e aumento de custos, exigindo uma gestão ainda mais rigorosa da localização e do uso dos dados.

Ao mesmo tempo, a cybersecurity evolui para um pilar de resiliência. Com detecção e recuperação quase instantâneas viabilizadas por AI integrada à infraestrutura, proteger dados

já não basta. É fundamental garantir que eles sejam resilientes, autônomos e capazes de se restaurar rapidamente.

Para absorver esse cenário, as empresas precisam acelerar a modernização com foco em simplicidade operacional. A desagregação de recursos, as migrações copyless e o acesso unificado aos dados tornam-se alavancas estratégicas para reduzir custos, evitar desperdícios e controlar a complexidade dos ambientes híbridos.

Em um mercado marcado pela volatilidade de hardware e pela aceleração da AI, a inteligência incorporada à infraestrutura consolida-se como vantagem competitiva. As organizações que equilibrarem inovação, eficiência e sobriedade tecnológica estarão mais preparadas para construir crescimento sustentável em 2026.



## REPORTAGEM ESPECIAL

# Depois da estreia da agricultura do futuro, campo aprende a usá-la

**Produtores, indústria de máquinas e instituições de ensino entram em uma nova fase da revolução tecnológica do agro: transformar inovação em eficiência, qualificação e produtividade real no campo**

**Thiago Copetti**, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

Nos últimos anos, o campo brasileiro viveu uma transformação tecnológica sem precedentes. Sensores, telemetria, piloto automático, algoritmos de colheita, plataformas digitais e conectividade transformaram tratores e colheitadeiras em verdadeiros computadores sobre rodas. Durante o auge desse processo - especialmente entre 2000 e 2022 - produtores rurais ampliaram fortemente os investimentos em máquinas agrícolas equipadas com pacotes cada vez mais sofisticados de tecnologia embarcada. O período coincidiu com um cenário favorável: commodities agrícolas em alta, juros baixos e crédito abundante estimularam uma renovação acelerada da frota de equipamentos no país.

Nesse contexto, a nova fase da revolução agrícola parece menos relacionada à adoção acelerada de tecnologias e mais ao desenvolvimento das capacidades necessárias para utilizá-las. Indústria de máquinas, centros de formação profissional e universidades começam a ampliar iniciativas voltadas à qualificação de operadores e gestores rurais. Ao mesmo tempo, novas gerações de produtores passam a incorporar dados, conectividade e análise de informação no processo de tomada de decisões. A revolução tecnológica estaria apenas entrando em um novo estágio - o da aprendizagem.

Se a adoção de tecnologia no

campo passa por um momento de ajuste, uma transformação estrutural no perfil do produtor rural já está em curso.

Cada vez mais, o agronegócio passa a operar segundo a lógica da agricultura orientada por dados — ou agricultura data-driven. Nesse modelo, decisões produtivas são tomadas com base em informações geradas por sensores, máquinas agrícolas, softwares de gestão e plataformas digitais. Enquanto a safra é colhida, colheitadeiras conectadas enviam dados em tempo real sobre produtividade, qualidade do grão e área trabalhada. No plantio, tecnologias de agricultura de precisão permitem ajustar a aplicação de insumos com precisão milimétrica. Esse processo transforma profundamente o papel do produtor.

Se antes grande parte do trabalho estava concentrada na execução das atividades agrícolas, hoje o produtor dedica cada vez mais tempo à gestão do negócio rural. Monitoramento de indicadores, análise de mercado, planejamento de safra e decisões comerciais passam a ocupar espaço crescente na rotina das propriedades. A digitalização do campo também ampliou o acesso à informação: smartphones e conexão à internet tornaram-se ferramentas essenciais de trabalho, permitindo acompanhar previsões climáticas, cotações de mercado, dados agro-nômicos e tendências do setor.

**Novas gerações de produtores rurais passam a incorporar dados, conectividade e análise de informação no processo de tomada de decisões**

Leia mais nas próximas páginas »



SISTEMA OCERGS/DIVULGAÇÃO/JC



REPORTAGEM ESPECIAL

# Ano de 2022 registra ápice de investimentos em tecnologia

Após fase de incorporação de tecnologia, momento é de reorganização de estratégias

Thiago Copetti, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

Aquisições de novas máquinas e com alta tecnologia dependem de diferentes fatores. O ápice dos investimentos em tecnologia pode ter no ano de 2022 um marco histórico, impulsionado por preços elevados das commodities, maior acesso ao crédito e um cenário de rápida incorporação de tecnologias embarcadas. Nesse período, o valor médio real das colheitadeiras e tratores, por exemplo, se sobressaiu no mercado.

Levantamento realizado pela reportagem do Jornal do Comércio identificou que o ano de 2022 teria alcançado o ápice dos valores destinados pelos produtores nestas aquisições. Atualizados por indicadores como IPA-DI (custo industrial que leva em conta o valor médio de mercado do aço), Selic (custo de capital), preço da soja no mercado soja (renda agrícola) e PIB (deflator amplo), mostram que foi em 2022 que as compras destas máquinas se sobressaíram nos investimentos do campo (veja os dados completos nos gráficos).

Mesmo no cenário mais conservador — utilizando o deflator do preço da soja no caso dos tratores — observa-se queda relevante no valor médio real das máquinas após 2022. Nos trato-

res, quando ajustados pelo preço da soja, os valores recuam de aproximadamente R\$ 0,71 milhão em 2022 para R\$ 0,46 milhão em 2025, partindo de cerca de R\$ 0,62 milhão em 2015.

Já pelos indicadores mais sensíveis ao ciclo industrial, como o IPA-DI, a retração é ainda mais intensa. No caso das colheitadeiras, o valor médio parte de cerca de R\$ 2,18 milhões em 2022 para R\$ 1,09 milhão em 2025, após ter sido de R\$ 1,12 milhão em 2015, o que representa uma queda próxima de 50% após o pico. Entre os tratores, o movimento também é claro: de aproximadamente R\$ 0,71 milhão em 2022 para R\$ 0,40 milhão em 2025, ante cerca de R\$ 0,59 milhão em 2015, indicando retração real próxima de 44%.

A convergência entre diferentes deflatores, ainda que com magnitudes distintas, pode indicar um ajuste real no padrão de investimento em máquinas agrícolas no período recente e possível movimento de mudança no comportamento dos produtores rurais após esse período de forte modernização — embora os produtores continuem adquirindo máquinas com capacidade produtiva semelhante, o valor médio real pago por esses equipamentos viria caindo desde 2022. Em termos práticos, isso significa que a potência das máquinas — ou seja, sua capacidade de trabalho — permaneceria estável, enquanto o investimento médio por unidade diminui.

Como observa Angélica Mas-

suquetti, vice-presidente do Conselho Regional de Economia (Corecon-RS) e professora do Programa de Pós-Graduação em Organizações e Mercados da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), o movimento dos valores médios das máquinas agrícolas adquiridas nesses períodos precisa levar em conta condições do mercado.

“Os investimentos com maior intensidade tecnológica são diretamente impactados pelas condições do mercado, variações na demanda, nos preços de commodities, nos juros, entre outros fatores. No período, em estudo realizado pela reportagem, é necessário considerar que o setor foi impactado por três choques importantes: a recessão econômica de 2016, a pandemia e as questões climáticas recentes — secas e enchentes — em importantes estados produtores. Assim, seria possível considerar que os produtores rurais precisam tomar decisões de investimento num contexto de instabilidade econômica e de inadimplência”, contextualiza a economista.

É consenso que essa compra mais “racional” não representaria necessariamente um retrocesso tecnológico. Pelo contrário: o movimento pode indicar que o setor está entrando em uma nova etapa da transformação digital no campo. “Depois de um período de forte incorporação de tecnologia, produtores estariam passando a reorganizar suas estratégias para aprender a utilizar plenamente esse novo ambiente tecnológico.”



Compra mais racional denota nova fase no campo, avisa Angélica

## Preço médio de cada unidade comercializada, com valores deflacionados a preços atuais



### COLHEITADEIRAS

(R\$ milhões, valores reais e índices deflacionários)

| Ano  | IPA-DI (industrial/aço) | Selic (capital) | Soja (renda) | PIB (geral) |
|------|-------------------------|-----------------|--------------|-------------|
| 2015 | 1,12                    | 1,05            | 1,20         | 0,98        |
| 2018 | 1,06                    | 1,00            | 1,10         | 0,96        |
| 2022 | 2,18                    | ,05             | 2,18         | 1,88        |
| 2025 | 1,09                    | 1,12            | 1,25         | 1,05        |



### TRATORES

(R\$ milhões, valores reais)

| Ano  | IPA-DI (industrial/aço) | Selic (capital) | Soja (renda) | PIB (geral) |
|------|-------------------------|-----------------|--------------|-------------|
| 2015 | 0,59                    | 0,55            | 0,62         | 0,51        |
| 2018 | 0,57                    | 0,54            | 0,60         | 0,52        |
| 2022 | 0,71                    | 0,67            | 0,71         | 0,61        |
| 2025 | 0,40                    | 0,42            | 0,46         | 0,39        |



Preços elevados de commodities, maior acesso ao crédito e cenário de rápida incorporação de tecnologia alavancaram indicadores do setor há quatro anos



## Centro de formação rural recebe investimentos pesado e proposta inovadora

A rápida evolução tecnológica das máquinas agrícolas começa a exigir um novo esforço do agro-negócio: preparar produtores e operadores para lidar com equipamentos cada vez mais sofisticados e conectados. No Rio Grande do Sul, essa demanda impulsiona a criação de estruturas dedicadas exclusivamente ao treinamento técnico no campo.

Um dos principais projetos nessa área é o Centro de Formação Profissional Rural da Campanha, que está sendo implantado em Hulha Negra, na região Sul do Estado. A estrutura é conduzida pelo Senar-RS e representa um investimento de aproximadamente R\$ 55 milhões, considerado o maior aporte recente da entidade em qualificação profissional rural. Instalado em uma área de 36 hectares, o centro foi projetado para reproduzir as condições de operação encontradas nas propriedades agrícolas. Cerca de 30 hectares serão destinados a práticas de campo, permitindo que os participantes realizem treinamentos diretamente com máquinas e equipamentos utilizados na produção agrícola.

A estrutura contará com cinco pavilhões de treinamento, além de salas de aula, laboratórios de informática e auditório. Os cursos serão focados principalmente na operação e regulação de máquinas agrícolas e no uso de tecnologias de precisão, como sistemas de GPS, drones e plataformas di-



Centro de Formação Rural em Hulha Negra, conduzido pelo Senar-RS, é dedicado exclusivamente ao treinamento técnico no campo

gitais aplicadas à agricultura.

A expectativa é que o centro tenha capacidade para qualificar cerca de 8 mil produtores e trabalhadores rurais por ano, com turmas reduzidas para garantir acompanhamento técnico mais próximo durante as atividades.

Os treinamentos serão realizados em formato de imersão técnica, geralmente ao longo de uma semana. Durante esse período,

os participantes permanecem em regime intensivo de aulas teóricas e práticas voltadas à operação de tratores, plantadeiras, colheitadeiras, pulverizadores e outras tecnologias utilizadas no campo.

Para facilitar a participação de produtores de diferentes regiões do Estado, o programa prevê hospedagem, transporte e alimentação durante o período de capacitação, mantendo os cursos

gratuitos para os participantes.

A proposta é permitir que operadores e produtores tenham contato direto com diferentes equipamentos e aprendam a utilizar de forma mais eficiente as tecnologias embarcadas nas máquinas agrícolas.

A inauguração oficial do centro está prevista para 23 de maio de 2026, com início das primeiras turmas dois dias depois. Antes da

abertura completa, o Senar-RS deverá realizar uma fase piloto para ajustar os processos de treinamento e logística. A criação da unidade reflete um movimento mais amplo dentro do agronegócio brasileiro. Com o avanço da mecanização e da digitalização da produção rural, cresce a necessidade de formação técnica voltada ao uso das tecnologias que já fazem parte da rotina das lavouras.

## Universidade leva tecnologia do agro para dentro da sala de aula

A incorporação acelerada de tecnologia na agricultura começa a provocar mudanças também na forma de formar profissionais para o setor. Máquinas agrícolas equipadas com sensores, sistemas de agricultura de precisão, telemetria e plataformas de gestão de dados já fazem parte da rotina de muitas propriedades. O desafio passa a ser preparar operadores, técnicos e gestores capazes de trabalhar nesse ambiente cada vez mais digital.

Parte dessa adaptação começa a aparecer dentro das próprias universidades. Em vez de tratar tecnologia apenas como conteúdo teórico, algumas instituições passam a estruturar seus cursos em contato direto com as ferramentas e empresas que hoje moldam a produção agrícola.

Em Passo Fundo, no Norte do Rio Grande do Sul, essa estraté-

gia ganhou forma com a criação do Campus do Agronegócio da Atitus, inaugurado em 2024.

O projeto reúne ensino superior, empresas, startups e ambientes de experimentação tecnológica em uma estrutura pensada para aproximar a formação universitária do cotidiano do setor produtivo.

O campus foi concebido a partir do conceito de Smart Farm — fazenda inteligente —, no qual tecnologias, sistemas de dados e mecanização avançada fazem parte do processo de aprendizagem. A ideia é reproduzir dentro do ambiente acadêmico as condições tecnológicas que hoje já fazem parte da produção agrícola.

Esse modelo educacional é organizado dentro da chamada Employer University, conceito adotado pela instituição para aproximar universidade e mer-

cado. Nesse formato, empresas participam da construção das atividades acadêmicas e do desenvolvimento de projetos realizados pelos estudantes.

Executivos e profissionais do setor também participam das disciplinas, levando problemas reais do agronegócio para discussão em sala de aula e acompanhando projetos desenvolvidos durante o curso.

A estrutura está concentrada na Escola do Agronegócio da Atitus, que reúne cursos como Agronomia e Medicina Veterinária. As atividades são organizadas em quatro grandes áreas da cadeia produtiva: produção de grãos, mecanização e tecnologias agrícolas, proteína animal e gestão do agronegócio.

A presença constante de empresas dentro do campus é uma das bases desse modelo. Com-

panhias do setor participam da construção de conteúdos, oferecem estágios e propõem desafios práticos para os estudantes ao longo da formação.

Essa interação ocorre por meio do Agribusiness Partner Program, rede que conecta a universidade a empresas, instituições e startups do setor agrícola. O objetivo é reduzir a distância entre o ensino tradicional e as habilidades exigidas pelo agronegócio contemporâneo.

Ao longo do curso, os estudantes têm acesso direto a tecnologias e modelos de gestão utilizados em propriedades rurais e agroindústrias. Executivos e especialistas do setor também participam de mentorias e atividades de orientação profissional.

A própria estrutura física do campus foi planejada para estimular essa integração. O espaço

reúne salas de aula, ambientes de desenvolvimento de projetos e áreas voltadas à experimentação tecnológica aplicada à produção agrícola.

A transformação tecnológica do campo também começa a alterar o perfil das profissões ligadas ao setor. Com a digitalização da produção, surgem novas funções associadas à agricultura de precisão, análise de dados agrícolas, operação de drones e gestão de tecnologias aplicadas ao campo. Nesse cenário, a formação profissional passa a exigir a combinação entre conhecimento agrônomo tradicional e domínio de ferramentas digitais que orientam cada vez mais a tomada de decisões nas propriedades rurais.



## REPORTAGEM ESPECIAL

*Indústrias se aproximam dos produtores, vendem drones e treinam futuros profissionais*

Thiago Copetti, especial para o JC  
economia@jornaldocomercio.com.br

O avanço tecnológico das máquinas agrícolas nas últimas décadas transformou profundamente o trabalho no campo. Sistemas de agricultura de precisão, sensores embarcados, plataformas digitais, conectividade e drones passaram a integrar a rotina da produção rural. No entanto, essa evolução acelerada trouxe um desafio que hoje mobiliza fabricantes, entidades de qualificação profissional e instituições de ensino: reduzir a distância entre a tecnologia disponível nas máquinas e a capacidade de produtores e operadores de utilizá-la plenamente.

É fato que a incorporação de novas tecnologias avançou mais rápido do que a formação de profissionais preparados para operá-las. A resposta mais recente do setor tem sido ampliar programas de capacitação e criar estruturas permanentes de treinamento voltadas a produtores, operadores de máquinas e técnicos que atuam no agronegócio.

Na avaliação de Gabriel Vieira, gerente de Treinamentos da CNH para a América Latina, responsá-



CNH/DIVULGAÇÃO/JC

Sistemas como agricultura de precisão, drones, sensores e plataformas digitais são rotina nas propriedades

vel pelas marcas Case IH e New Holland, a tecnologia embarcada nas máquinas foi concebida justamente para aumentar a precisão das operações e reduzir perdas no campo, o que depende de os usuários consigam explorar todo esse potencial.

“O conhecimento da tecnologia pode ser um fator limitante, então o produtor vai escolher por aquilo que ele se sente confortável ou que ele entende que as marcas vão apoiá-lo nesse pro-

cesso de formação”, avalia Vieira.

Para enfrentar essa lacuna, a empresa passou a investir em diferentes frentes de formação. Uma delas é a CNH Academy, plataforma digital que reúne mais de 200 treinamentos voltados ao uso de máquinas, agricultura digital e agricultura de precisão. Os cursos são destinados tanto a produtores quanto a profissionais ligados às redes de concessionárias e manutenção.

“Há uma visão divergente de

quanto mais tecnologia, mais difícil vai ficar para o operador realizar o seu trabalho, mas na verdade é realmente o contrário”, assegura o executivo.

Com foco nessa qualificação dos operadores, além da formação online, a companhia também ampliou a oferta de treinamentos presenciais. Hoje existem centros de capacitação vinculados às fábricas da empresa em Curitiba, Sorocaba e Piracicaba, além de programas realizados direta-

mente nas propriedades rurais.

A estratégia também inclui parcerias com instituições de ensino técnico e profissional. Entre elas estão escolas agrícolas, faculdades e entidades como Senai e Senar, que atuam na formação de trabalhadores do meio rural. Uma das iniciativas mais recentes nesse sentido é a parceria com o Senar-RS na criação do Centro de Formação Profissional Rural de Hulha Negra.

A iniciativa faz parte de um movimento mais amplo de qualificação profissional no agronegócio, que busca responder à crescente demanda por mão de obra especializada para operar equipamentos cada vez mais sofisticados. Hoje, além dos operadores de máquinas, surgem profissionais responsáveis pelo monitoramento remoto dos equipamentos, análise de dados agrônômicos, manutenção de sistemas digitais e gestão de conectividade das máquinas no campo.

“A tecnologia agrega soluções de plantio, de colheita ou de pulverização, que se paga em uma, duas safras, só pelo aumento de performance da safra colhida”, ressalta o executivo.

*Entre inovação e simplicidade: a estratégia da Mahindra para crescer*

Enquanto boa parte da indústria de máquinas agrícolas aposta em sistemas cada vez mais complexos e altamente digitalizados, algumas fabricantes vêm construindo espaço no mercado com uma estratégia diferente.

A estratégia da indiana Mahindra no segmento de máquinas agrícolas, por exemplo, parte de um princípio bastante claro e, de certa forma, na contramão de grandes concorrentes: oferecer tecnologia na medida certa, priorizando soluções que entreguem resultado prático no campo, sem complexidades que a companhia — após estudos, testes e avaliações dos produtores — considera desnecessárias.

Nos projetos, têm menos peso a eletrônica embarcada e a automação avançada, enquanto sistemas mecânicos consolidados e de fácil operação tendem a ser mais bem aceitos e utilizados pelos agricultores. Isso não significa abrir mão de desempenho — os tratores mantêm potência, capacidade hidráulica e versati-

lidade compatíveis com padrões modernos. “As transmissões automáticas, se não forem bem utilizadas, sem conhecimento bem apurado do funcionamento desses sistemas, muitas vezes têm desempenho que é fantástico dentro de um projeto, dentro de um laboratório, dentro de um teste de campo, mas fora da fábrica não aparece”, opina Josué Beutler, doutor em Ciência do Solo com ênfase em Mecanização Agrícola e especialista em pós-vendas da Mahindra Brasil.

A Mahindra, com fábrica em Dois Irmãos (RS), identifica nesse ponto uma oportunidade: oferecer tratores com operação mais direta, em que o controle mecânico permite maior previsibilidade e adaptação imediata. Outro diferencial importante na decisão de compra, segundo Beutler, está no custo de manutenção. O executivo pondera, no entanto, que a empresa não se posiciona necessariamente pelo menor preço de aquisição, mas pelo menor custo ao longo da vida útil do



MAHINDRA/DIVULGAÇÃO/JC

Foco da marca indiana é oferecer tecnologia na medida certa para cada usuário

equipamento — o que, em cenários de uso intensivo e revisões frequentes, torna essa diferença ainda mais relevante para o produtor. “Todas as marcas precisam ter uma manutenção, precisam fazer revisões periódicas as nos-

sas, comparando com um trator de altíssima tecnologia, não custa 50% do valor dessa manutenção para alta tecnologia”, acrescenta.

A eficiência energética também é tratada pela companhia

a partir da engenharia básica do produto. Sem depender de controles eletrônicos sofisticados, a proposta é oferecer tratores que privilegiam força de tração — essencial no campo — sem sacrificar o consumo de combustível.



REPORTAGEM ESPECIAL

# O campo que viu a revolução das máquinas e avançou com elas

Quem acompanha a evolução das máquinas agrícolas no Brasil nas últimas décadas sabe que a transformação foi profunda. Cabines climatizadas, sistemas de GPS, sensores de precisão, drones e softwares de gestão mudaram radicalmente a forma de produzir no campo.

Para alguns profissionais, porém, essa revolução não é apenas um processo técnico. É também uma trajetória pessoal. É o caso do engenheiro agrônomo Umberto Moraes, coordenador do Departamento de Apoio Estratégico do Senar-RS. Antes de atuar na formação e qualificação de produtores e trabalhadores rurais, ele próprio cresceu em contato com o campo.

Ainda criança, acompanhava o avô nas atividades da lavoura. Décadas depois, já formado em agronomia, passou a observar de perto o salto tecnológico que transformaria a agricultura brasileira. Hoje, com mais de 30 anos de carreira, Moraes continua acompanhando essa evolução — agora de um ponto de vista estratégico, voltado à qualificação profissional no meio rural. Ele viu máquinas simples se transformarem em plataformas tecnológicas sofisticadas. E ainda guarda na memória alguns momentos simbólicos dessa transformação. “Um dos primeiros avanços que realmente chamou a atenção foi a entrada das barras de luz nos pulverizadores”, lembra.

No início da década de 1990, esses sistemas passaram a orientar o operador no campo, evitando sobreposição na aplicação de defensivos. Pode parecer simples hoje, mas na época representou um salto tecnológico. De lá para cá, a agricultura avançou rapidamente.

Hoje, colheitadeiras podem custar até R\$ 4 milhões, drones são utilizados para monitorar lavouras e softwares auxiliam na gestão da propriedade. Ainda assim, Moraes observa que a tecnologia disponível nas máquinas nem sempre é totalmente utilizada.

Ao mesmo tempo em que

acompanha essa transformação, ele também observa um desafio crescente: preparar profissionais capazes de lidar com essa nova realidade tecnológica no campo.

É nesse contexto que surge o Centro de Formação Profissional Rural Campanha, em Hulha Negra, iniciativa do Senar-RS voltada à capacitação de operadores e trabalhadores rurais.

Na entrevista a seguir, Umberto Moraes fala sobre a evolução das máquinas agrícolas, o impacto da tecnologia no campo e os desafios da qualificação profissional no setor.

**Empresas & Negócios - A tecnologia nas máquinas agrícolas avançou muito rapidamente. O produtor consegue aproveitar todo esse potencial tecnológico?**

**Umberto Moraes** - Nem sempre. Quando o produtor compra uma máquina agrícola moderna, como uma colheitadeira, por exemplo, muitas vezes utiliza apenas cerca de 30% ou 40% da tecnologia embarcada. Essas máquinas têm monitoramento de colheita, GPS, sensores e diversos sistemas. Mas, na prática, parte desses recursos acaba sendo pouco utilizada.

**E&N - Isso acontece por falta de treinamento?**

**Moraes** - Muitas vezes, sim. A tecnologia evoluiu muito rápido e exige capacitação constante. Por isso iniciativas de formação são tão importantes. O Senar criou o Centro de Formação Profissional Rural Campanha, em Hulha Negra, justamente para capacitar produtores e trabalhadores rurais no uso de máquinas agrícolas de alta tecnologia.

**E&N - Hoje essas tecnologias também representam um custo significativo nos equipamentos...**

**Moraes** - Sem dúvida. Dependendo da tecnologia ou do item opcional, o valor de uma máquina pode aumentar entre R\$ 50 mil e R\$ 200 mil. Hoje temos colheitadeiras que come-



Umberto Moraes é coordenador do Departamento de Apoio Estratégico do Senar-RS

çam em torno de R\$ 1,5 milhão e podem chegar a R\$ 4 milhões dependendo do porte e da quantidade de tecnologia embarcada.

**E&N - Ao mesmo tempo em que a tecnologia avança, surge também um novo perfil de profissional no campo.**

**Moraes** - Sim. Existe hoje uma demanda crescente por operadores qualificados. Um profissional que domina tecnologia agrícola tem boas oportunidades no mercado. Hoje o campo precisa de pessoas preparadas para lidar com máquinas cada vez mais sofisticadas.

**E&N - O uso de drones é outro exemplo dessa transformação tecnológica?**



Hoje temos colheitadeiras que começam em R\$ 1,5 milhão e podem chegar a R\$ 4 milhões

**Moraes** - Exatamente. Os drones já são utilizados para aplicação de defensivos, monitoramento de lavouras, mapeamento de áreas e diversas outras atividades. Mas, assim como ocorre com as máquinas, o uso do drone exige treinamento. Não basta comprar o equipamento — é preciso saber utilizá-lo com segurança e eficiência.

**E&N - Ao longo da sua carreira, qual avanço tecnológico mais lhe marcou?**

**Moraes** - Um dos primeiros que realmente chamou a atenção foi a introdução das barras de luz nos pulverizadores, no início da década de 1990. Elas ajudavam a orientar o operador na lavoura e evitar sobreposição de aplicação de defensivos. Na época foi algo muito inovador.

**E&N - A tecnologia no campo vai muito além das máquinas?**

**Moraes** - Sem dúvida. Tecnologia também envolve gestão da propriedade, manejo do solo, sementes melhoradas, irrigação e agricultura de precisão. Hoje o produtor precisa dominar não apenas o equipamento, mas também a gestão da atividade.

**E&N - Pensando no futuro,**



Equipamentos evoluem rapidamente. O que faz a diferença é a capacidade das pessoas em aprender e se adaptar

**qual será o próximo grande salto tecnológico no campo?**

**Moraes** - Acredito que o próximo avanço importante será o das máquinas agrícolas autônomas. Esse é um caminho que já está sendo desenvolvido e que deve transformar ainda mais a agricultura nos próximos anos.

**E&N - A tecnologia no campo veio para ficar?**

**Moraes** - Sim, mas sempre com um ponto fundamental: não adianta ter tecnologia sem conhecimento. Os equipamentos evoluem rapidamente, mas o que realmente faz diferença é a capacidade das pessoas em aprender, se adaptar e usar essas ferramentas da melhor for-



MINUTO VAREJO

# FBV confirma nomes com foco em inovação e desafios digitais

**Evento vai de 20 a 22 de maio no Centro de Eventos da Fiergs, em Porto Alegre**

**Patrícia Comunello**  
patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

Depois de NRF, em Nova York, e de South by Southwest, em Austin, os dois nos Estados Unidos, agora o mundo do comércio, com serviço cada vez mais presente, foca a nova edição da Feira Brasileira do Varejo (FBV), de 20 a 22 de maio, no Centro de Eventos da Fiergs, em Porto Alegre, comandada por SindilojasPOA e Sebrae-RS. A organização acelera a confirmação das atrações, com nomes do exterior. A coluna Minuto Varejo registra a presença prevista do dinamarquês Jesper Rhode, referência internacional em inovação e tecnologia, dizem as duas entidades.

“Radicado no Brasil há cerca de 30 anos, Jesper construiu uma sólida carreira como executivo sênior em empresas globais de tecnologia, como Ericsson e Alstom”, descreve a direção da FBV. O dinamarquês, que atuou com a digitalização da rede ce-



SINDILOJASPOA/DIVULGAÇÃO/JC

Rhode é referência internacional em transformação e ecossistemas

lular na Amazônia e tem experiência em liderança, estratégia e implementação de iniciativas de transformação digital em diferentes mercados, abordará a transformação digital como fator determinante na competitividade das empresas e perspectivas sobre o ecossistema de inovação, com foco na aplicação concreta de tecnologias emergentes e na construção de modelos de negócio mais resilientes, detalha a direção do evento, que aposta em atrair mais de 12 mil participantes este ano e superar 150 expositores na feira paralela à

programação de conferências e palestras, palcos temáticos e rodadas de negócios.

Rhode é mentor em organizações como Hyper Island, Startup Farm, Oxigênio e Google for Startups. O presidente do SindilojasPOA, Arcione Piva, já disse à coluna que projeta crescimento de 20% no evento, entre público e negócios. Também estarão na agenda outros nomes que são fontes do setor, como o coordenador de varejo do Sebrae-RS, Fabiano Zortéa, e Juliana Vellozo, da Thoughtworks (TW), para a operação na América Latina.

## Desafios para lojistas em 2026: do ponto ao digital

O que está na cabeça de executivos de varejo? Estudo da consultoria PwC mostrou que a cesta de itens que precisam ser considerados vai do impacto das canetinhas de emagrecimento (com efeito direto no gasto no supermercado) à adoção de inteligência artificial (IA). “Das empresas que usam IA, 34% indicam que têm retorno. A tecnologia também parou de ser um tema estratosférico. Agora pode ser usado e tem de ser usada”, observa Luciana Medeiros, sócia e líder de Varejo e Consumo da PwC Brasil. A emergência da IA e suas aplicações dominou a NRF Retail’s Big Show, em Nova York, e o festival South by Southwest, em Austin, os dois nos Estados Unidos. Luciana também ressalta que 2026 será desafiador pela conjuntura e mudanças no comportamento e como as marcas acessam os consumidores. “No Brasil, 76% da população é classe C e está mudando rápido”. Um dos pontos que está na mira de lojistas é a mão de obra. “Existe expectativa de diminuição de mão de obra

com uso de IA, mas a disputa por pessoal qualificado continua”, arremata a sócia da PwC Brasil. O estudo mostra que 33% das empresas usam a tecnologia para melhorar a experiência do consumidor. Outro sintoma é de como isso afeta o ponto físico. “Não tem mais o furor de abertura de loja devido aos custos”, elenca Luciana.

A ascensão acelerada do comércio online também precisa de resposta. Nos últimos cinco anos, 42% das empresas passaram a competir em novos setores, diz a PwC. “Os players do e-commerce vêm com mais força”, lembra a executiva. Para 42% dos executivos no Brasil, a falta de mão de obra, a inflação e a instabilidade macroeconômica seguem como principais preocupações. Em seguida, aparecem os riscos cibernéticos e a disrupção tecnológica, ambos com 30%. O movimento e impacto são claros em duas frentes: plataformas digitais cada vez mais avançando no mix de venda de supermercados e atacaremos e com entrega rápida.

PWC/DIVULGAÇÃO/JC



Varejo está se tornando ecossistema diversificado, diz Luciana

### No Ponto

► O **Bourbon Shopping Ipiranga** acaba de receber uma unidade da Mar de Sonhos, marca brasileira focada em itens de sleepwear e homewear com proposta de conforto para toda a família. A loja é especializada em pijamas no estilo americano e se destaca por oferecer modelos femininos, masculinos e infantis, além de opções coordenadas para pais e filhos. Há, ainda, coleções especiais temáticas, voltadas às diferentes estações do ano e datas comemorativas.



BOURBON SHOPPING/DIVULGAÇÃO/JC



HERVAL/DIVULGAÇÃO/JC

► A **Volis Colchões**, marca especializada em colchões do Grupo Herval (Dois Irmãos/RS), aposta em uma tecnologia inovadora para elevar a saúde do sono. Batizado de Heat Way, o sistema desenvolvido pela empresa para o colchão Zart atua no controle da temperatura, proporcionando conforto térmico, melhor ventilação interna e redução de umidade. A novidade já está disponível no mercado nacional e reforça o posicionamento da marca no segmento de maior valor agregado. Isso porque, além da tecnologia, reúne malha com percentual de seda, tecido Air Mesh, molas ensacadas e sistema one-side pillow.



## RESPONSABILIDADE SOCIAL

# Renascer Judocando aposta na transformação social

**Iniciativa une esporte, educação e inclusão social para impactar diretamente a vida de 160 jovens**

**Agnês Noll**

agnes@jcrs.com.br

Muito mais do que apenas uma prática esportiva, o judô é um caminho de formação cidadã, disciplina e construção de futuro para crianças e adolescentes de Porto Alegre. É com esse propósito que nasce o projeto Renascer Judocando, uma iniciativa que une esporte, educação e inclusão social para impactar diretamente a vida de 160 jovens no bairro Restinga.

A proposta vai além do ensino técnico. O projeto se estrutura como uma ferramenta de transformação, utilizando os princípios do judô: respeito, humildade e disciplina, como base para o desenvolvimento pessoal dos participantes. Em um cenário onde muitas vezes faltam oportunidades, o acesso ao esporte surge como alternativa concreta para ampliar horizontes e fortalecer vínculos sociais.

As aulas acontecem duas vezes por semana, e atendem crianças e adolescentes entre cinco e 17 anos, divididos em categorias que respeitam suas fases de desenvolvimento e idade. A iniciativa também garante a estrutura necessária e os materiais esportivos adequados, o que reforça o compromisso com a qualidade e a continuidade do projeto.

A aula inaugural, que marcou o início das atividades, trouxe um simbolismo importante: foi



Projeto disponibiliza duas aulas por semana, atendendo crianças e adolescentes entre cinco e 17 anos no bairro Restinga, em Porto Alegre

conduzida por uma atleta olímpica, Maria Portela, que coordena o projeto e compartilhou não apenas técnicas, mas também experiências de vida e superação. O contato direto com uma referência do esporte amplia o repertório dos alunos e fortalece a percepção de que novos caminhos são possíveis.

Para além do esporte, o projeto se insere em uma lógica mais ampla de impacto social. A analista de Responsabilidade Social da CEEE Equatorial, Luciana Hoffmann, destaca que a iniciativa foi escolhida justamente pelo seu potencial transformador. Segundo ela, não se trata apenas de patrocínio, mas de investir em projetos com base sólida e capacidade real de mudar trajetórias.

“É o tipo de projeto que a gente apoia com a expectativa de que, de fato, mude a vida das pessoas que participam”, afirma.

Essa visão dialoga diretamente com a realidade dos jovens atendidos. Em comunidades marcadas por vulnerabilidades, o acesso ao esporte representa não apenas uma atividade extracurricular, mas uma estratégia de desenvolvimento social.

A importância do judô nesse processo é reforçada pelos próprios educadores envolvidos. Segundo o professor Escobar da Silveira, conhecido no judô como Sensei Escobar, a modalidade trabalha pilares fundamentais que refletem diretamente no comportamento dos alunos dentro e fora do tatame. Ele relata

que já acompanhou trajetórias de jovens que iniciaram no esporte e hoje seguem carreiras de sucesso em outras áreas. “Eu tive alunos que fizeram aula comigo e hoje são professores de educação física, médicos, engenheiros. Isso não tem preço, isso é maravilhoso”, explica.

Nesse sentido, o Renascer Judocando não se limita a ensinar as técnicas de luta. Ele atua como um instrumento de construção de identidade, autoestima e perspectiva de futuro. Cada aula representa uma oportunidade de aprendizado que ultrapassa o espaço físico do projeto e se reflete na escola, na família e na comunidade. A iniciativa também evidencia o papel fundamental das parcerias entre

instituições sociais e empresas privadas. Ao viabilizar o projeto por meio da Lei Estadual de Incentivo ao Esporte, o investimento reforça a importância de políticas públicas e incentivos fiscais como mecanismos de promoção social. Para a CEEE Equatorial, apoiar projetos como esse é uma forma de se aproximar da comunidade e contribuir diretamente para a melhoria da qualidade de vida da população.

Ao ampliar o acesso ao esporte e fortalecer valores essenciais, o Renascer Judocando se consolida como uma ação que vai além do presente. Ele planta sementes que podem transformar trajetórias individuais e, consequentemente, impactar toda a comunidade.

## Trajетória foi impulsionada pela ONG Renascer da Esperança

Por trás do Renascer Judocando está uma história marcada por resistência, solidariedade e transformação social. Fundado em 1996 por Rozeli da Silva, o Centro Renascer da Esperança nasceu a partir de uma realidade vivida nas ruas de Porto Alegre. Na época, Rozeli trabalhava como gari no Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU) e se deparava diariamente com crianças em situação de vulnerabilidade.

A inquietação diante dessa

realidade foi o ponto de partida para a criação do projeto. Mesmo enfrentando dificuldades pessoais, Rozeli decidiu agir. “Eu via crianças na rua pedindo e pensava que, se existisse um lugar que oferecesse comida e incentivasse a estudar, a realidade delas poderia ser diferente”, relembra.

Com o apoio de outras pessoas e muito esforço coletivo, o que começou como uma iniciativa simples se transformou em uma das principais referências de trabalho social na capital gaú-

cha. Hoje, o Renascer atende diariamente centenas de crianças e adolescentes com uma estrutura que inclui educação infantil em tempo integral, oficinas culturais, atividades esportivas, reforço escolar e ações de fortalecimento de vínculos familiares.

Atualmente, a instituição tem capacidade para atender até 600 crianças e já alcança cerca de 385, além de gerar empregos diretos e envolver voluntários em diversas frentes de atuação. Ao longo dos anos, o projeto am-

pliou suas atividades, incorporando modalidades como karatê, boxe, skate, dança e até uma orquestra.

A criação do Renascer Judocando representa mais um passo nessa trajetória de expansão e impacto social.

A credibilidade construída ao longo de quase três décadas também foi determinante para atrair novos parceiros. A analista de Responsabilidade Social da CEEE Equatorial, Luciana, destaca que o apoio ao projeto se

baseia justamente na seriedade e no compromisso da instituição com a transformação social. “É uma das instituições aqui de Porto Alegre que estão na referência nesse trabalho social. A gente sabe que é uma instituição séria”, afirma.

Assim, o Renascer da Esperança segue fiel à sua missão original: oferecer oportunidades reais para crianças e adolescentes e, por meio delas, transformar histórias que antes pareciam limitadas pelas circunstâncias.



# Crédito Consignado CLT

Feito para quem tem  
carteira assinada.

Solução ideal para  
quem quer dinheiro  
na carteira.

O **Crédito Consignado CLT** é um empréstimo facilitado para trabalhadores com carteira assinada. Uma solução para quem busca juros baixos e prazos flexíveis. Tudo isso com segurança e a praticidade do desconto em folha.

Para contratar, é simples:

Acesse o **app Banrisul**

>> **Empréstimos**

>> **Empréstimos Consignados**



\* Sujeito a análise de crédito.

#### Banrifone

Porto Alegre (51) 3210 0122

Interior e Outros Estados 0800 541 8855

SAC 0800 646 1515

Ouvidoria 0800 644 2200

Baixe o app:



# banrisul

Siga nossas redes sociais:

